

Autora | Author

Najla Fouad Saghie*
[najla.saghie@ifb.edu.br]

ALGUNS DES(CONTEXTOS) DOS GÊNEROS MIMÉTICOS

SOME (DE)CONTEXTS OF THE MIMETIC GENRES

Resumo: O processo de leitura tem sido estimado por níveis de conteúdo desde o Classicismo. As classes sociais, até o Romantismo, eram definidas pela erudição das obras lidas. Em contrapartida, com a revolução científica deste século, foi possível considerar como leitura tudo aquilo que faz parte do universo dos leitores/consumidores de informação, com isso a indústria tipográfica perdeu espaço para essa nova modalidade comunicativa. Os novos gêneros textuais em parceria com os seus maiores meios de propagação – redes sociais – despontam como uma abordagem ostensiva desprovida dos rigorosos moldes de revisão, mas que consideram o mundo do leitor e a sua realidade. Ampliou-se o sentido do conceito de texto com o que se verifica nos elementos da multissemiose como os posts, chats, tweets, memes, gifs entre outros gêneros. Nesse sentido, este trabalho se propõe a defender essa multimodalidade como instrumento de estudo de interpretação textual crítica e ativa.

Palavras-chave: *leitura, gêneros multimodais, redes sociais.*

Abstract: *The reading process has been estimated by content levels since Classicism. Social classes, even Romanticism, were defined by the erudition of the works read. On the other hand, with the scientific revolution of this century, it was possible to consider as reading all that is part of the universe of readers / consumers of information, with this the typographic industry lost space for this new communicative modality. The new textual genres in partnership with their greatest means of propagation - social networks - emerge as an ostensive approach devoid of the rigorous revision models, but which consider the world of the reader and its reality. The meaning of the concept of text has been expanded with what is found in the elements of multisemiosis such as posts, chats, tweets, memes, gifs and other genres. In this sense, this paper proposes to defend this multimodality as an instrument of study of critical and active textual interpretation.*

Keywords: *reading, multimodal genres, social networks.*

Recebido em: 21/11/2018

Aceito em: 02/10/2019

*Se uma criança me perguntar, ingenuamente:
“O que foi o Orkut?”
Vou responder, maliciosamente:
Foi um brinquedo que jogaram fora.*

N. F. S.

A chave de todo ser humano é seu pensamento. Resistente e desafiante aos olhares, tem oculto um estandarte que obedece, que é a ideia ante a qual todos seus fatos são interpretados. O ser humano pode somente ser reformado mostrando-lhe uma ideia nova que supere a antiga e traga comandos próprios.

Ralph Waldo Emerson

DISCUSSÃO E DESENVOLVIMENTO

O poeta norte-americano Ralph Waldo Emerson foi um visionário ao desenvolver o raciocínio acima sobre o que hoje nós poderíamos associar aos “memes” e a tudo aquilo que seja novo e receptível ao ser humano.

Ao se pensar a comunicação mimética como expressão da literatura, o crítico do Romantismo, M. H. Abrams (apud Antoine Compagnon, 2006, p.139) contribui ao descrever um modelo de leitura que pressupõe um triângulo composto por um tripé: mundo, autor e leitor. O autor ainda defende que cada um desses pilares da literatura corresponde a uma abordagem: a expressiva é associada ao artista; a mimética ao mundo; e a pragmática ao público.

Compagnon (2006) também relata o estudo feito por A. Richards, autor de *Princípios de Crítica Literária*, de 1924, que assumiu uma postura antissubjetivista, em decorrência de um estudo feito com seus alunos em Cambridge. Por um longo tempo, o professor, ao acreditar na hipótese do leitor empírico autossuficiente, usava em suas aulas análises de poemas realizadas amadoramente por seus alunos.

A conclusão a que o autor chegou é a de que essa atividade livre de amarras, de padrões e de teoria revelava um cenário de “imaturidade, arrogância, falta de cultura, incompreensão, clichês, preconceitos, sentimentalismo, psicologia popular etc.” (COMPAGNON, 2006, P. 141). Nesse sentido, compreendeu-se que a questão consiste em ensinar a ler mais cuidadosamente, a superar suas limitações individuais

e culturais, a “respeitar a liberdade e a autonomia do poema” (COMPAGNON, 2006, P. 142).

Sob essa perspectiva, Barthes e Compagnon (1987), descrevem uma série de reflexões filosóficas acerca do termo “leitura”. Ler como técnica; como prática social; como forma de gestualidade e de sabedoria; como método; e por fim como uma atividade voluntária. Verifica-se, portanto, a preocupação em se teorizar os processos da leitura.

Esse excesso de teorias em torno da leitura demonstra a relevância dada para a sua orientação, sem desprezar os momentos de leitura autônoma, de busca individual. Essa atividade foi considerada “intrusa” pelo estruturalismo da teoria literária, marcada pelo desejo de se descrever o funcionamento neutro do texto (COMPAGNON, 2006, P. 142). Dessa forma, percebe-se uma desconfiança em torno do leitor empírico, uma tentativa de ignorar o leitor. Sobressai-se a necessidade de um método de interpretação em detrimento da confiança nele.

Essa classificação de leitor “insuficiente”, de acordo com Lajolo e Zilberman (1999), também desprestigia os que não demonstram nem sabedoria nem interesse pela leitura “A ser um mau leitor, isto é, ser incapaz de estabelecer à necessária distância entre o lido e o vivido” (1999, p. 26). No entanto, isso não significa que o leitor deva ignorar os signos decorrentes de sua visão de mundo, mas identificar a linha tênue que deve haver entre o que está no texto e o seu mundo particular.

Essa desconfiança no leitor, que perturbou os estudos clássicos da literatura no mundo desde o início do século passado, é mais evidente neste século. Isso acontece em decorrência das novas demandas provocadas pelos avanços da tecnologia. Em face disso, surge uma infinidade de gêneros textuais, como, por exemplo, os *memes*, os *gifs*, os vídeos nos canais do YouTube, os textos dos *Blogs*, as plataformas de ensino Moodle e Schoology, entre outras versões textuais contemporâneas.

A hegemonia escolar no controle de como a leitura ocorre começa a dar espaço para um novo perfil de leitores independentes, legitimados por tudo aquilo que a internet consegue proporcionar. Conforme explicita Scherer-Warren (2008):

[...] as novas tecnologias, especialmente a Internet e as rádios comunitárias, são um elemento facilitador na difusão das narrativas e ideários em construção pelos sujeitos, nós das redes, mas geralmente não são o único ou principal ele-

mento mobilizador na geração de uma rede de movimento social. (SCHERER-WARREN, 2008, p. 513)

com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. (BAKHTIN, 2000, p. 281).

A EVOLUÇÃO DOS GÊNEROS

A representação dos meios para as pessoas se comunicarem se transforma constantemente. Essas formas de troca de informações acontecem revestidas por diversos modelos textuais: os gêneros discursivos. Essas plataformas de textos com atributos específicos são as que caracterizam a bula de remédio, por exemplo, como gênero, porque obedece a um modelo pré-estabelecido, inconscientemente consagrado pelo leitor. Nesse sentido, um analgésico terá, assim como um antibiótico, um *lay out* semelhante. O referido gênero tem em comum tópicos de assunto: posologia, reações adversas, gravidez e lactação etc., no entanto, o conteúdo será diferente.

Os gêneros, ao contrário dos tipos de texto (narrativo, dissertativo, descritivo, injuntivo e preditivo) são infinitos, uma vez que nascem e extinguem-se conforme as demandas da sociedade. O Orkut, rede social dos anos 2000, permitiu o surgimento de novos gêneros que se transmutaram para o que temos hoje em diversas outras redes sociais. Os *scrap*s, o testemunho, entre outros pequenos textos contidos no site do Orkut, ressurgiram com outros nomes e formatos no *Facebook*, no *Instagram*, no *Whatsapp*, entre outros aplicativos que proporcionam interação social.

Esses textos em formatos parecidos com aqueles do Orkut ainda apresentam outro fenômeno intrínseco aos gêneros que é a interposição e sobreposição de gêneros, conhecido também como o processo de hibridização. Temos uma postagem no *Facebook*, que pode ser um poema dentro de uma música em formato de carta aberta como homenagem a alguém querido, com ou sem imagem, entre outras mesclas discursivas.

Esses textos “digitais” são formas primárias, já que são manifestações comunicativas, em tese, espontâneas, sem o rigor clássico de estrutura e conteúdo que têm os textos literários – formas secundárias, segundo o que Bakhtin denominou.

Os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata

Com fundamento nesses princípios, percebemos que a transmutação dos gêneros textuais é um fenômeno inerente à língua assim como as transformações da sociedade.

GÊNEROS E A PRODUÇÃO DE MATERIAL

É comum que os leitores consumam a leitura e, então, idealizem o autor da obra como único e absoluto. Pensemos no intermediário desse caminho: o tipógrafo. Essas publicações em formas de livros velavam uma dualidade na dicotomia autor/tipógrafo. Segundo Schapochnik (2008):

Finalmente, Stoddart indica a necessidade de explicitar o papel dos intermediários esquecidos e sua inserção no circuito de comunicação das obras. Deste ponto de vista, artífices e tecnologias são mediadores que possibilitam a passagem da realidade conceitualizável do discurso para a materialidade do texto, seja ele manuscrito ou impresso.

No século XIX, a leitura se materializava muitas vezes por intermédio de folhetins. Esse era o veículo de maior densidade e alcance no Brasil a partir da metade desse século. De acordo com MEYER (1996), não conseguiu se sustentar com o aparecimento do rádio. No entanto, outras formas de divulgação da literatura, em publicações de contos e romances completos se perpetuaram até os dias atuais, com algumas fragilidades relativas às demandas da globalização, fruto de leituras mais superficiais que requeiram pouco tempo a cada “visualização”.

Com o advento da tecnologia, a leitura tipográfica dividiu espaço com a digital, principalmente a partir do início deste século. Essa transformação interferiu diretamente no tipo de interesse de leitura que se busca, na proporção da faixa etária do leitor. As redes sociais providenciaram uma demanda de leitura que exige do escritor uma concisão absoluta. Os famosos “textões” são muitas vezes ridicularizados pelo público em virtude da sua “grande” extensão. Um parágrafo de mais de cinco linhas pode “assustar” e desestimular uma leitura. Muitos autores dos *posts* ainda recomendam “É textão, mas vale a pena ler”, “Alerta de textão!”, entre outros avisos pejorativos sobre o tamanho de um texto, conforme exemplos abaixo retirados do *Facebook*.

Figura 1: *print* retirado de uma página pública do Facebook.



Figura 2: *print* retirado de uma página pública do Facebook.



Figura 3: *print* retirado de uma página pública do Facebook.



Figura 4: *print* retirado de uma página pública do Facebook.



O QUE SE ESPERA DA LEITURA

A *acumulação de conhecimento não é conhecimento*, conforme explica Manguel (1997, p.218). Esse princípio referia-se ao fato de que a quantidade de livros acumulada em uma estante ou uma biblioteca não deve estar diretamente relacionada ao fato de a pessoa realmente ler as obras, por uma questão de método de organização das obras, ou por qualquer outra razão.

Temos no Brasil uma quantidade razoável de bibliotecas pelo país, principalmente nas universidades, entretanto isso não significa que vivemos em um país com melhores acessos à leitura, seja qual for a faixa etária do leitor. Ainda enfrentamos vários desafios como o de atrair o interesse dos jovens para o prazer pela leitura; o de alfabetizar mais de onze milhões de analfabetos, e o de transformar a leitura daqueles que apenas decodificam.

Diante disso, o acesso da leitura via digital permitiu que os invisíveis sociais pudessem usufruir do conhecimento, de forma mais democrática, em relação ao material impresso, entretanto essa mudança não é necessariamente melhor na formação de leitores segundo a visão mais tradicional que acredita na leitura acompanhada, necessariamente de um livro impresso. Nessa perspectiva, muitas vezes, ignoram-se as consequências da realidade daqueles que vivem em condições de vulnerabilidade social, que conseguem no máximo usufruir do computador com rede oferecido pela comunidade escolar. Em tempos de “politicamente correto”, e de uma proposta de ensino transformadora, o que se deve trabalhar na escola muitas vezes se submete ao controle estatal (SPREGELBURG: 2004). De acordo com Spregelburg, o papel do Estado na manipulação dos materiais didáticos no século XIX decorria de uma oposição entre governantes e alguns segmentos da sociedade.

No Brasil, mesmo que velada, percebe-se a intervenção do Estado.

Um exemplo disso ocorre quando o governo sugere/define temáticas de redação para a prova do ENEM. Isso significa que se a política vigente quer que a população reflita sobre determinado assunto, é possível que ele seja abordado em prova. Milhões de estudantes teriam de pensar sobre o assunto ao argumentar por escrito e ao ler os textos motivadores que acompanham a proposta de redação.

Dessa forma, positiva ou negativamente, o controle ideológico pode ser exercido na aplicação de exames nacionais, como concursos e vestibulares, sobretudo na adoção de material didático pelas escolas públicas.

RECEPÇÃO E PROCESSAMENTO DAS INFORMAÇÕES

A interpretação, inteligência e compreensão de textos representa um desafio para a educação escolar e para a vida. A leitura ingênua, superficial, reduzida, extrapolada ou contraditória são fatores que dificultam a comunicação e tem sido objeto de estudo. Lajolo (1993) reflete de maneira criativa acerca da complexidade da leitura. No livro “Dom Quixote das Crianças” de Monteiro Lobato, a personagem Dona Benta recontava, ao seu modo, a história de Don Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes, cujo vocabulário e estrutura pareciam inacessíveis para as crianças.

De acordo com Lajolo, o destaque para Dona Benta se deve ao fato de se perceber a importância do conhecimento de mundo atrelado à leitura. Isso significa que interpretar os signos do mundo também é leitura.

Dessa forma, a leitura crítica, que valorize o histórico do leitor, mas não desmereça o sentido original da obra represen-

ta um fator de coerência importante: a inferência contextual. Para Koch (1990), a informação implícita seria como um *iceberg* que carrega mais sentidos pressupostos e subentendidos que os explícitos. Outra abordagem relevante é o que explica Pereira (2009):

O termo inferência é encontrado tanto na Psicolinguística como na Pragmática. Na Psicolinguística, a inferência consiste numa estratégia de leitura, assim como a predição leitora, exigindo processamentos cognitivos que manipulam pistas textuais deixadas pelo leitor, com o objetivo de chegar à compreensão do texto. Na Pragmática, constitui-se num percurso cognitivo que ocorre entre uma afirmação inicial e uma afirmação final (conclusão), sendo a base para cálculos de relevância. (PEREIRA, 2009, p.14).

GÊNEROS MULTIMODAIS

O conceito de texto multimodal, de acordo com Dionísio (2007), refere-se à elaboração textual baseada na articulação de diferentes formas, sejam elas escritas ou orais. A autora ainda explica que são expressões multimodais as “palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.” (DIONÍSIO, 2007, p.178). Dessa forma, temos variadas manifestações orais ou gestuais/imagens tidas como textos: uma aula, uma conversa, uma foto etc. Costa Val (2004) nos explicita que:

pode-se definir texto, hoje, como qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução. Por exemplo: uma enciclopédia é um texto, uma aula é um texto, um e-mail é um texto, uma conversa por telefone é um texto, é também texto a fala de uma criança que, dirigindo-se à mãe, aponta um brinquedo e diz ‘tê’ (COSTA VAL, 2004, p. 1).

Nesse sentido, Posts, chats, tweets, *memes*, *gifs* representam elementos da multisssemiose. Segundo Ferraz (2008), as mudanças tecnológicas provocaram o surgimento do texto multimodal, aquele manifestado por meio de mais de um código semiótico. De acordo com a autora, esses gêneros atendem melhor às novas necessidades do leitor, que busca mais informação com menos tamanho, e, portanto, em menos tempo. Ademais, esses textos multimodais ainda conseguem carregar

discursos repletos de crenças, valores e ideologias, assim como se verificam em obras literárias.

Dessa forma, os conteúdos veiculados nesses modernos formatos de comunicação se apresentam como significativos e, nesse sentido, apontam para diversas perspectivas ideológicas, capazes de moldar a forma de pensar, de formar opinião de um grupo, e de provocar a reflexão. Os *hiperlinks*, por exemplo, representam uma das principais inovações do texto eletrônico (KOCH, 1993), nesse sentido há bastante a se compreender acerca das novas mídias digitais enquanto fontes de informação e de difusão de ideologias.

Nesse sentido, é relevante para uma transformação social e educativa que a utilização desses modernos gêneros textuais sejam repensadas. E com fundamento nisso refletir sobre a democratização do saber, Fairclough (2001) explicou sobre o instrumento de mudança social nas sociedades contemporâneas. É interessante perceber como ocorrem as relações “eu-tu”, e uma possível mudança de comportamento decorrente desse fenômeno social – a interação. Nesse sentido, considera-se, além do conceito de democratização o da “tecnologização”, segundo Fairclough (2001):

A tecnologização discursiva parece estar se estendendo de gêneros, como a entrevista, que têm um caráter público no sentido em que não estão associados a uma série de funções institucionais públicas, para o gênero central da esfera privada, a conversação.

Diante desse cenário, entende-se que a sociedade brasileira lê muito, mas lê diferente. O que ocorre é uma leitura excessiva de conteúdos pequenos e variados, a internet permitiu a dinamização das informações. As pessoas parecem tolerar menos textos grandes, há uma busca pelo conciso, despertada pelo Google. A maioria das pessoas não demonstra o gosto pela literatura como se apreciava até o início deste século.

A sociedade parece ansiosa, a leitura silenciosa de um romance literário é cada vez menos comum. Essa procura se restringe aos interesses de provas de vestibular/ENEM.

Não devemos ignorar as mudanças sociais e culturais decorrentes dessa última Revolução Técnico-Científica, aproveitando suas benesses, mas tomando cuidado para não perdermos a beleza da profundidade da leitura. Nessa perspectiva, a leitura deve abranger e valorizar o conhecimento prévio do leitor sem se ater aos rigores da língua que nos auxilia a com-

prender a nuance e os detalhes do texto que requerem maior maturidade linguística.

Nesse sentido, os gêneros miméticos deveriam ganhar destaque nos espaços educativos, uma vez que fazem parte da rotina da maioria das pessoas que interage com as novas tecnologias, e usar esse instrumento de informação para o aprendizado da leitura de forma crítica e ativa.

CONSIDERAÇÕES COM BASE EM UMA EXPERIMENTAÇÃO

Os jovens, em muitos casos, acostumaram-se a reproduzir ideologias aprendidas em ambiente familiar e a obedecer a novos modelos sociais preconizados pela indústria cultural e pela cultura de massa (Adorno e Horkheimer, 2002). A maior parte da leitura diária de muitos jovens hoje se restringe ao que pregam as redes sociais, tornando o ambiente virtual, como *Facebook*, um potencial formador de opinião.

Uma atividade foi proposta a estudantes de duas turmas do IFB – Instituto Federal de Brasília, uma do curso subsequente de Manutenção Automotiva e outra do curso do curso FIC de auxiliar administrativo. Pretendeu-se avaliar se a leitura/interpretação/compreensão textual é criteriosa ou superficial.

A hipótese inicial era a de que os estudantes empregassem o senso comum para identificar as *fake news*, mas o que se verificou foi que eles já tiveram alguma experiência com esse tipo de informação. A maioria desconfiou que se trata de uma notícia inverídica, menos da metade deles não se importava com os efeitos de um compartilhamento. Entre outras descobertas, houve a de que apesar de os estudantes terem consciência de que erros de português são aspectos típicos dessas notícias inverídicas, eles só conseguem perceber pelo exagero, uma vez que não têm maturidade linguística para identificar erros sutis.

Outros achados foram que os alunos apresentam boa percepção das incoerências implícitas nos textos, desconfiam de fatos surreais, de dados vagos e de mensagens apelativas. Constatou-se, com essa experimentação junto aos alunos, que não podemos subestimar o potencial leitor dos nossos estudantes. Eles precisam de trabalhos constantes de ressignificação do olhar da interpretação, não por falta de leitura, todos

leem bastante nesse universo de redes sociais cheias de textos, no entanto, não são leituras conduzidas.

REFERÊNCIAS

Adorno, T. e Horkheimer M.. **A indústria cultural** – o iluminismo como mistificação das massas. In: Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland e COMPAGNON, Antoine. **Leitura**. Enciclopedia Einaudi V.1/uu1 (Oral/Escreto). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

COSTA VAL, M. G. F. Texto, textualidade e textualização. **Pedagogia Cidadã** – Cadernos de Formação Língua Portuguesa, Unesp – São Paulo, v. 1, p. 113-124, 2004.

DIONISIO, A. P. “Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades)”. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (orgs.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FERRAZ, Janaína de Aquino. Gêneros multimodais: novos caminhos discursivos. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não Verbal, 2008. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

KOCH, I.G.V. e Travaglia, L.C. **A Coerência Textual**. São Paulo: Contexto. 1990.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

MANGUEL, Alberto. Ordenadores do universo. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PEREIRA, Vera Wannmacher. Predição leitora e inferência. In: CAMPOS, J. (9orgs) **Inferências Linguísticas nas Interfaces**. Porto

Alegre: EdiPUCRS, 2009.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos tipógrafos. In: Aleídes Freire Ramos et ali (org.s). **Imagens na História**. São Paulo: Edusp, 2008.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais na América Latina**: caminhos para uma política emancipatória? Cad. CRH, Salvador: UFBA, v. 21, n. 54, p. 505-517, 2008.

SPREGELBURG, Roberta Paula. Que se puede ler na escuela? El control estatal del texto escolar (1880-1916). In: Hector Rubén Cucuzza (dir.). **Para una historia de la lectura y escritura em Argentina**. Buenos Aires: Mini y Dávila, 2004.

CURRÍCULO

* <http://lattes.cnpq.br/5816012949680166>